

ramones
THE RAMONES

recontado por
MÊNDEL VILAÇA



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Ramones
THE RAMONES
recontado por
MÊNDEL VILAÇA

MAIO DE 2008
VOLUME 63

MOJO
BOOKS

ramones

THE RAMONES

recontado por

MÊNDEL VILAÇA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **CLAUDIO VILLA**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



RAMONES
THE RAMONES

LANÇAMENTO: **1976**
SELO: **SIRE RECORDS**

PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM

- 1.** Blitzkrieg bop
- 2.** Beat on the brat
- 3.** Judy is a punk
- 4.** I wanna be your boyfriend
- 5.** Chain saw
- 6.** Now i wanna sniff some glue
- 7.** I don't wanna go down to the basement
- 8.** Loudmouth
- 9.** Havana affair
- 10.** Listen to my heart
- 11.** 53rd & 3rd
- 12.** Let's dance
- 13.** I don't wanna walk around with you
- 14.** Today your love, tomorrow the world



RAMONES

I. A MUDANÇA PUNK

Parecia que o regime militar estava enfraquecendo! Foi o que eu pensei ao ouvir no rádio que um rabino realizava um culto ecumênico em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, assassinado pelo governo militar. De cara, todos acusaram os militares. O Clero enfrentava o Estado, algo inédito até então. Os tempos estavam mudando.

Um ano depois, descobri que mais coisas iriam mudar, e mudaram mesmo! A família de Karen mudou pra casa ao lado, que há vinte e cinco anos ou mais tinha, embaixo de seu teto, o professor de história Antônio Melgaço, um velho com mais de setenta anos, solitário há vinte, desde que a esposa morrera. Amigo da família, sem filhos, torcedor do América mineiro, professor Antônio, como era conhecido, morrera havia duas semanas, de infarto, em sua cama. Alguns vizinhos disseram que a polícia achou umas revistas pornôns abertas pelo quarto. Todos acharam que ele morreu após uma “homenagem” prestada à alguma dama de seus sonhos. Bem tocos! O velho com a bengala na mão tentando “tirar leite”. Os tempos estão mudando.

Algum tempo depois, os novos moradores da antiga casa do falecido professor Antônio, ou seja, os vizinhos ao lado, vieram se apresentar à

minha família. Seu Aderbal e Dona Nelma, os pais de Karen, foram convidados por papai e mamãe pra um café, e um “dedo de prosa”, enquanto eu estava no meu quarto lendo um livro de Drummond, mas ouvindo o que eles falavam na sala. Os pais de Karen vieram de Nova York depois de viverem muito tempo em Londres, onde Karen estudara. O pai dela trabalha na embaixada do Brasil em Londres, e, por “questões políticas”, como ele mesmo disse, foi designado a morar em Nova York, mas deixou Karen terminar seus estudos na capital inglesa. Eu estava no quarto e meu pai me chamou pra me apresentar à nova família do bairro. Karen não estava. Seu Aderbal, após apertar minha mão, explicou a todos que sua vinda ao Brasil era semelhante a uma escala. “Estamos aqui de passagem, pois o Governo nos quer longe de Nova York por enquanto. Devemos voltar para a Europa em breve”, e enquanto seu Aderbal falava, eu queria mesmo era saber de Karen, de quem só tinha ouvido falar através de seus pais. Nem quis saber porque o Governo queria seu Aderbal longe de Nova York. Só queria saber como era esta nova vizinha. Mas era só curiosidade, não estava nem aí. Tinha dezoito anos, bicho, queria ouvir Black Sabbath e Deep Purple, paz e amor, *rock and roll!* Meus cabelos estavam bem grandes, as gatinhas do bairro — até que enfim — já me olhavam com outros olhos, e não como se eu fosse uma criancinha (eu era menor que os outros garotos do bairro). Os tempos estavam mudando, cara.

II. A MULHER PUNK

Outro dia, a família de Karen veio novamente conversar com minha família, enquanto, novamente, eu estava no quarto. Eu era meio socialista, e gostei do que o pai de Karen disse: o “militarismo vai acabar”, mas lamentei o final da frase: “infelizmente”. Outra coisa que gostei de ouvir de Seu Aderbal foi que Karen estava diferente por causa deste tal “novo *rock and roll*”. Pensei: “uma gatinha ’não-bossa-nova’ e não ’clube da esquina’, que bom!” Foi aí que ouvi uma voz feminina dizer:

— Pára, pai.

Ela estava lá. Até então, eu não estava nem aí pra saber quem era essa tal Karen. Eu tinha a Judith na época, minha primeira trepada. Ela era bem mais velha, uns trinta anos. Bem melhor que as menininhas do bairro. Mas a tal Karen curtia *rock*. Fui pra sala.

Eu olhei e vi algo que nunca mais esqueceria em toda minha vida: uma garota de cabelo pintado, batom preto e calças rasgadas. O cabelo parecia uma pluma. O rosto era bonito, mas, mas, o que era aquilo?!

Meu pai apresentou:

— Esta é Karen, ela estudou na Inglaterra.

Entendi porque meu pai e minha mãe não se assustaram com Karen

como sempre se assustavam com algum amigo meu cabeludo. Ela estudou na Inglaterra! Cordialmente apertei sua mão, mas, pela primeira vez, olhava uma mulher não com flerte, mas com admiração e estranheza ao mesmo tempo. Era como se eu olhasse uma pintura abstrata. Estava acostumado a qualquer loucura juvenil, pois eu também era louco, com meus cabelos grandes, minha velha calça desbotada. Conheci uma menina que saía na noitada com a estrela de Paul Stanley pintada na cara. Super normal para mim, que tinha todos os discos do Kiss. Também tive um amigo que se achava David Bowie, com seu visual andrógino. Era *Glam Rock*, como Slade e T-Rex, que eu adorava. Mas, o que seria esta garota?

Mamãe resolveu “queimar meu filme”. Falou que eu andava com os cabelos grandes e não os lavava, que tinha uns amigos esquisitos, que usavam roupas coloridas, essas coisas... Karen então soltou uma preciosidade:

— Muito careta!

“O quê? Eu, careta?”, pensei. E ela? Nem conseguia descrevê-la. Mamãe me pediu pra conversar com Karen, no meu quarto. Chamei a “mulher emplumada”. Imagina, eu careta? Tinha todos os discos do Pink Floyd, bicho! Essa mulher era doida.

Ela entrou no quarto e pegou meu disco do Fleetwood Mac, que estava em cima da minha cama.

— Você escuta isto até hoje? — O “Isto”, para ela, era raridade no meu bairro, acho que até na cidade. Comprei em São Paulo. Perguntei:

— O que você escuta?

E ela disse:

— Não vou responder, vou te mostrar, mas amanhã — e foi embora.

III. A BANDA PUNK

Que garota estranha! Pensei nela a noite toda. No outro dia, Karen chegou lá em casa, desta vez sem os pais. Eu logo tratei de procurar um disco bem raro, pra ela ver quem era careta. Achei um do Emerson Lake and Palmer — poucos tinham —, paguei caro nele, ou melhor, meu pai, é claro, e coloquei na vitrola.

Karen então me disse:

— Veja o que Nova York e Londres estão escutando — e veio o grito “Hey, How, Let’s Go” e uma guitarra mais rápida do que Motorhead, um vocal meio fanho, diferente, mas não gritante, como do Lemmy ou do Coverdale.

Peguei a capa e vi quatro rapazes cabeludos, de calça jeans rasgadas, jaquetas de couro, como os *beatniks*. E o nome parecia latino: “Ramones”.

— Pronuncia Ramones, como se lê? — perguntei à Karen.

Ela disse que do jeito que quisesse, desde que eu aceitasse que o *rock* renasceu. Ela me disse que era apaixonada pelos Stones até ir estudar na Inglaterra. Enquanto estava em Londres, ela foi com um amigo a um *show* de uma banda chamada Sex Pistols e que os caras detestavam sucesso, tocavam mal, mas era legal, tinham “pegada”, dava vontade de gritar e não de dormir, como os discos do Yes, por exemplo. Eu até achei legal, afinal

sempre gostei de novidades. Mas... que tipo de som era aquele? *Hard rock*? Karen me disse:

— *Punk rock* ou *punk*. Eu sou *punk*, quero atitude e não paz e amor. Achava “revolucionário” Mick Jagger cantando uma música para o Diabo. Queria seguir esta linha. Aí descobri o Black Sabbath, que era mais “diabólico do que os Stones”, mas... como ser “diabólico” sendo “paz e amor”? Sempre pensava nisto. Claro que não falo apenas pelas letras de “Sympathy for the devil”, ou “N.I.B”, mas pela contracultura, por enfrentar o que a sociedade defendia, o *status quo*, por exemplo. De repente, estes caras, liderados pelo Pink Floyd e Led Zeppelin, esqueceram de onde vieram. Esqueceram do *rock and roll*, do “do it yourself”. Até o Sabbath estava nesta linha. Canções de vinte minutos, orquestras sinfônicas, de revolucionários passaram a ser eruditos. E o que colocou estes “paz e amor” no topo? O *rock and roll*. Foi assim que surgiram os Ramones. Trocaram os solos intermináveis pela simplicidade dos três acordes, o “ser diabólico” por ser simplesmente “maus”. Passei de estranha a interessante, ou de estranha para estranhíssima graças ao *punk*.

Eu escutava tudo sem piscar os olhos. Ela então me emprestou o disco e se foi, me deixando segurando a capa do álbum dos Ramones em uma mão e, na outra, um álbum do Traffic, o *The low spark....*, quatro anos mais velho, e pensava no que Karen acabara de me dizer, “esqueceram do *rock and roll*, esquecerem do *rock and roll*.”

A primeira música dos Ramones, “Blitzkrieg bop”, era legal, mas gostei mais da segunda, “Beat on the brat”. Peguei meu violão e consegui tirá-la em cinco minutos. Depois tentei tirar outra música, e outra, e quando Karen voltou lá em casa, no fim da tarde, eu já tocava quase todas, menos “I wanna be your boyfriend”, que achei meio melosa.

Karen me olhou como um vencedor olha um perdedor. Ela me convenceu, mas o que mais me encantou foi a facilidade de tocar as músicas. Fiquei meses tirando uma música do Black Sabbath, que era a banda mais fácil de tocar, mas aquilo foi diferente. Passei a gostar do tal Ramones.

Eu queria mais discos dos Ramones, e Karen me disse que este era o primeiro, mas mostrou alguns antigos que eram os precursores do *punk*, como MC5 e Iggy Pop. Aliás, MC5 ela tinha em cassete. Ela também trouxe revistas inglesas e norte-americanas, aí vi de onde ela tinha tirado aquele visual intitulado punk. Ela me disse:

— Os tempos estão mudando — algo que eu já estava percebendo.

IV. O EU PUNK

Cortei o cabelo, mas não tive coragem de fazer o tal moicano. E claro, comecei a namorar Karen, que era a única que me entendia. Viramos “bichos-do-mato” pra muitos, mas conquistamos outros amigos, que diziam estar cansados de progressivo. Fizemos então o ritual “Morte ao Pink Floyd”. Todo sábado à noite, marcávamos na casa de um amigo pra queimarmos um disco de rock progressivo. Enquanto queimava o *The dark side of the moon*, “Now I wanna sniff some glue” soava no ar, e Karen dizia “Now, I don’t wanna listen any prog”. E eu a beijava, como dois punks apaixonados, feios, mas apaixonados. Ah! E depois de um mês resolvi usar o moicano. Eu e a minha galera. Éramos uma turma de oito caras — três mulheres e cinco homens. Mas ela aumentou um ano depois quando o Sex Pistols foi apresentado ao Brasil pelo Fantástico. Ai, nós montamos banda, fizemos amigos em São Paulo. Karen era formada, mas eu não queria fazer faculdade. Queria era cheirar cola na rua. Mas ela me alertou pra estudar, pois Ramones só tem um, não podemos “ser Ramones”, podemos “querer os Ramones”, e isto nós já tínhamos.

— Gostei muito dessa frase da Karen, até fiz uma música na época, você quer ouvir? Acho que eu lembro, era assim: “Não quero ser, quero ter...”.

— Não, pai! Você vai desafinar a guitarra!

— Ah, tá bom! Você acha que seu velho esqueceu como pegar no machado, né? E vocês, hoje em dia, acham que são *punks*, com essa frescura com a guitarra. Se não fossem os Ramones, vocês nunca teriam uma banda. Pra ter uma banda, vocês teriam que estudar num conservatório.

— O que não seria uma má idéia, né pai? Se você não fosse tão cabeça dura...

— Nunca! Quer estudar? Estuda pra se profissionalizar, pra arrumar emprego, depois você mesmo paga sua aulinha de violão clássico.

— Getúlio, você tá pegando pesado com o Lucas. Paga um curso pro menino. Você sempre foi careta mesmo, viu?

— Ah, Karen, pega leve, né? Pra que pagar um curso pro menino? Ele vai enjoar, aí é dinheiro jogado fora. Já basta essa guitarra cara que eu comprei pra ele. Minha primeira guitarra meu pai comprou usada, e nacional. Esta é importada.

— Oooo Getúlio, ao invés de ficar falando abobrinha, você já ligou para seu Jorge, que ficou de arrumar a pia da cozinha? A empregada já queixou duas vezes.

— Vou ligar, vou ligar!

Getúlio e Karen se casaram em 1983, ambos com vinte e quatro anos. Karen estava grávida de Lucas. Getúlio se formou em engenharia e trabalha para o Governo do Estado.

Karen se formou em administração de empresas, aos dezoito anos, na Inglaterra. Ficou à toa até os vinte e três anos, quando mudou pra casa da família de Getúlio, depois que seus pais foram morar em Buenos Aires. Karen abandonou o visual *punk* logo depois que teve Lucas, em 1984. Se tornou professora de inglês e, hoje, é coordenadora de uma escola de línguas em Belo Horizonte.

Lucas, o filho, tem uma banda de *rock* chamada Gritaria Urbana, é fã do CPM 22, e começou a gostar de Ramones depois de um *show* de sua banda favorita, cujo vocalista disse que “Ramones é foda”.

Getúlio e Karen comemoraram os onze anos de casados no *show* dos Ramones, em Belo Horizonte.

Dee Dee, Joe e Johnny Ramone morreram, e Getúlio colocou o primeiro disco da banda — que ganhou de Karen — numa moldura na parede da sala. Só que Lucas mexeu e tirou o disco do quadro...

— O que você tá fazendo, Lucas?

— Eu... eu só queria ouvir esse disco, pai.

— Você tem seus discos não tem? Ou melhor, você tem seus *punks*, não tem?, pergunto rindo.

— Pára com isso pai. Eu sei que o som que você e mamãe escutava era

bem melhor, não precisa jogar na cara né!

— Mas era só me pedir, meu filho.

— Esse disco é o original, não é, pai?

— É sim, foi sua mãe quem me deu.

— Quando foi isso?

— Foi quando conheci ela.

— Como é que foi?

— Vou te contar. Parecia que o regime militar estava enfraquecendo.

Foi o que pensei ao ouvir no rádio que um rabino...



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br